

O CORPO COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO NA TRADIÇÃO TÂNTRICA

THE BODY AS A LIBERATION INSTRUMENT IN TANTRIC TRADITION.

Paulo Ferreira Cavalcante¹

RESUMO

Realizamos através de análise sistemática da literatura, como o conceito de corpo sagrado ou adamantino desenvolve-se dentro da tradição do tantrismo, principalmente no culto aos sidhas dentro do kaulismo, sendo esses também pontos capitais da nossa pesquisa. Observamos através de um levantamento histórico o seu contexto histórico no período “medieval” da Índia, objetivando trazer à baila este estudo para o campo acadêmico.

Palavras-Chave: tantrismo, corpo sagrado, sidhas, kaulismo.

ABSTRACT

Through this research, we conducted through a systematic review of the literature how the concept of sacred body or adamantine develops within the Tantric tradition, especially in worship sidhas within the kaulismo, turning these points the highest of our research. We observed through a historical survey its context during the "medieval" age in India, aiming to point up this study into the academic field.

Key Words: tantrism, sacred body, sidhas, kaulismo.

INTRODUÇÃO

Na Índia, sempre se destacou a busca da liberdade e da imortalidade humana. Mas os sábios védicos ensinaram que para realizarmos a nossa natureza íntima temos que nos identificar com o si mesmo. Segundo Feuerstein “Os sábios acreditavam que o Si mesmo, imortal (*âtman*), não poderia ser conhecido, pois não é um objeto, mas poderia ser realizado pela identificação direta. Essa realização consiste numa mudança radical da consciência que temos da nossa identidade, de quem julgamos ser. Ao passo que o comum dos mortais concebe-se como um corpo e uma mente específicos e limitados”. (FOUERSTEIN, 2007, p. 417).

¹ Bacharelado em Ciências das Religiões pela UFPB. Membro do GP PADMA CNPq em pesquisa em Religiões e Filosofias Orientais. Bolsista de extensão universitária PROBEX pelo Centro de Ciências da Saúde – CCS UFPB. E-mail: paulocavalcantecrufpb@gmail.com

Ao ver dos antigos sábios, essa sublime realização se dá através da via da renúncia e da ascese. É preciso retirar a atenção das coisas mundanas, controlando corpo e mente para conquistar a realização do si mesmo. Para o indivíduo transcender e tornar-se absoluto com o *brahman*, ele tem de ir além da condição humana. Na visão dos mestres védicos, é necessário que as energias do ser humano não sejam direcionadas para os assuntos triviais, reforçando a ilusão de que cada ser é uma entidade isolada - quando ao contrário, na visão védica, somos todos um.

O Tantrismo

Diferente da visão dos antigos sábios, os mestres do Tantra, ligados ao culto da deusa Shakti, ensinavam o não abandono do corpo, e sim utilizar-se dele como instrumento de libertação e ascensão do ser.

O culto da Deusa, que está no âmago de muitas escolas tântricas, já existia no princípio da época védica. Os mestres e praticantes do Tantra só aproveitaram-se das histórias sagradas e elementos rituais já existentes que tinham por objeto a Deusa, e que sobreviveram até hoje, especialmente nas comunidades rurais da Índia. Alguns estudiosos, por isso, atribuíram ao tantra uma antiguidade tão grande quanto à dos Vedas, senão mesmo maior. Enquanto fenômeno literário, porém, o Tantra não parece ter surgido muito antes da metade do primeiro milênio d.C. Segundo a opinião mais comum, os Tantras budistas surgiram primeiro e foram seguidos de perto pelos seus equivalentes hindus, mas alguns estudiosos afirmavam com veemência o contrário. De qualquer modo o Manjushrî-Mûla-Kalpa – Normas fundamentais de Manjushri) e o Guhya-Samâja-Tantra (Tantra da comunhão Secreta), textos budistas, foram provavelmente coligidos entre 300 e 500 d.C. No primeiro capítulo do Mahâcîna-Âcâra-Krama (Caminho e conduta de Mahâcîna⁰, a Deusa aconselha o sábio Vâshishtha a fazer uma peregrinação a Mahâcîna (o Tibete, a Mongólia ou mesmo a China), onde poderia estudar com Janârdana na forma do Buda. Parece que os primeiros Tantras hindus foram perdidos, e só os conhecemos por meio de referências feitas em outras obras. É importante observar que o santo sul-indiano Tirumûlar, do século VII, refere-se a um grupo de vinte e oito Tantras. O Vîna-Shikha-Tantra, datado de mais ou menos

1200 d.C., e que é o único texto tântrico de esquerda ainda existente, já menciona o conjunto clássico de sessenta e quatro. Isso mostra que os mestres Tântricos dos séculos precedentes dedicaram-se intensamente à atividade literária, especialmente porque sabemos que, já naquela época, o número de Tantras era na verdade muito maior. Um dos Tantras mais antigos ainda existentes é o Sarva-Jnâna-Uttara-Tantra, que provavelmente foi escrito no século IX d.C. Essa obra apresenta-se como o resumo da essência de muitos textos tântricos anteriores. (FOUERSTEIN, 2007,p. 418).

Segundo o antigo texto budista Guhya-Samâja-Tantra, tantra é continuidade. A palavra é derivada da raiz *tan*, que significa estender, esticar. *Tanyate vistaryate jnânam anena*, traduzido do sânscrito significa: aquilo pelo qual o conhecimento ou compreensão se expandem ou se espalham. Fala-se que existem sessenta e quatro Tantras, na tradição hindu, mas o verdadeiro número é superior a esse dado. Os mais conhecidos no ocidente, por causa de sua tradução, são o Kula-arnava, o mahânirvana e o tantra-tattwa-tantra.

Todos os adeptos do tantra concordam em que a libertação só se torna possível pelo nascer da sabedoria (*vidiã*). Para o tantra a realidade inferior está contida na superior e é idêntica a ela, desta forma se faz necessário se permitir que a superior transforme a inferior. A característica básica do tantra é a integração – a integração do eu com o Si mesmo, da existência corpórea com a Realidade espiritual.

O tantra é uma prática de realização (*sâdhana*), por isso, nele, o yoga é um elemento central. O seu surgimento situa-se entre as pessoas simples da Índia, atendendo a uma necessidade de um caminho prático, de forma a não haver abandono das crenças nas divindades locais e de ritos antiquíssimos. Por isso ele é bastante eclético e marcado pela tendência ao ritualismo.

O tantrismo tanto na Índia como no Ocidente nos remete à prática da sexualidade sagrada, o que em verdade ocorre apenas com os tântrikas da mão esquerda, em pequena escala. No começo do século XX, Woodrofe, inglês, juiz do supremo tribunal de Calcutá, que estudou os tantras com os sábios de Bengala, abriu caminho através de seus estudos pioneiros para que outras pessoas compreendessem e apreciassem mais esse movimento multifacetado.

O Culto a Shakti

O elemento que unifica todas as escolas de tantra é o princípio feminino, o poder *shakti* no Hinduísmo e representado na iconografia por deusas como Pârvatî, Durgâ, Kâlî, Sîta e centenas de outras divindades. A Deusa ou princípio feminino é frequentemente chamado apenas de *devî* (a resplandecente). Ela é, acima de tudo, a mãe do universo, a esposa do divino Masculino.

Conforme algumas escolas, a Deusa manifesta-se em dez formas ou “Grandes Sabedorias” (*mahâ-vidyâ*). São as seguintes:

1. Kâlî – que é a forma primária da Deusa.
2. Târâ – que é o aspecto salvador da Deusa.
3. Tripurâ Sundarî – que representa a beleza essencial da Deusa.
4. Bhuvaneshvarî – que, como indica o seu nome, é a soberana (îshvarî) do mundo (bhuvana).
5. Bhairavî – que é o aspecto feroz e aterrorizante da Deusa, a qual exige a transformação do devoto.
6. Chinnamastâ – o aspecto da Deusa que estilhaça a mente.
7. Dhûmâvatî – que é o aspecto da Deusa que funciona como uma divina cortina de fumaça sob a forma da velhice e da morte, donde o seu nome “Enfumaçada”.
8. Bagalâmukhî – que leva um bordão com o qual esmaga as ilusões e concepções errôneas dos seus devotos.
9. Mâtangî – conduz o devoto à contemplação do som primordial e sem causa.
10. Kamalâtmikâ – que é a Deusa na plenitude do seu aspecto gracioso.

A Mãe universal é adorada nas suas dez formas, quer terríveis, quer graciosas. No poema atribuído a Shankara, Ânanda-Laharî (Onda da Bem-Aventura), encontramos este versículo que expressa de maneira típica a atitude tântrica:

Aquele que Vos contempla, ó Mãe, junto com Vashinî e as outras [divindades femininas que constituem o vosso séquito], brilhantes como a pedra da lua, torna-se um criador de grandes poemas repletos de belas metáforas; sua fala é [inspirada] por Savitri e suas palavras são tão doces quanto a fragrância da boca de Lótus daquela Deusa.

A *Devî* particulariza-se no corpo-mente humano, em Kundalinî-shakti o “poder enrodilhado”, cujo despertar constitui o fundamento mesmo do Tantra-Yoga. Ela não é somente a que cria e sustenta, é também a força destruidora que elimina o universo quando chega a hora certa.

O arquétipo da correlação empírica que existe entre a mente e o corpo, a consciência e a matéria, o masculino e o feminino é representado através do casamento transcendente de Shiva e sua eterna esposa unidos em êxtase num abraço. A metafísica tântrica concebe a existência como um processo bipolar. A criação é o simples efeito da predominância do polo feminino ou Shakti, ao passo que a transcendência está associada à predominância do polo masculino ou Shiva.

A Escola Tântrica Anti-Ritualista

O forte ritualismo é uma constante na maioria das escolas tântricas, e essas práticas são “superadas” ou até mesmo criticadas, por exemplo, nas escolas do Budismo Sahajayâna, o “Veículo da Espontaneidade”. Para essa escola de pensamento budista, a realidade empírica e a realidade transcendente são coessenciais. Desta forma, compreendemos a questão da unidade da divindade imanente e transcendente no indivíduo. A divindade experiência as ações na forma material, através de nós. Assim, não faz sentido buscar algo superior externamente, mas sim dentro de si mesmo.

Não estamos separados dessa realidade. Os adeptos da tradição Sahaja, portanto, recusam-se a apresentar um programa qualquer de busca da libertação. Destacam-se adeptos desta tradição como Lohipâda (séc. IX), Kanhapâda (séc. XII d.C.) e Sarahapâda, grande mestre budista do séc. VIII d.C., que declara em seu “Cântico Real”: Não há nada a ser negado, nada a ser afirmado ou apreendido; por aquilo que não pode ser concebido. Os iludidos são agrilhoados pelas fragmentações do intelecto, a espontaneidade permanece pura e indivisa.

A escola Sahaja nega toda *upâya*, isto é, toda técnica e meios hábeis para se atingir a libertação. Entretanto o princípio de espontaneidade, *sahaja*, está presente em todos os ensinamentos tântricos.

Apesar de verificarmos esse movimento anti-ritualista, contudo compreendemos que seja uma resposta as práticas extremas de ritualismo, mas desde o mais humilde ritual, ele

contribui para o despertar dessa condição do divino imanente e transcendente em nós através da via da bem-aventurança e do prazer.

A Literatura Tântrica

Além de composições originais, há uma quantidade imensa de obras discorrendo comentários as anteriores citadas. Estas compreendem monografias, manuais, resumos, dicionários, hinos e obras de magia. Os textos tântricos podem levar o título de Tantra, Âgama, Yâmala, Rahasya, Samhita, Arnava, Shikhâ, Purâna, etc.

A obra Tantra-Âloka, de autoria de Abhinava Gupta, é considerada uma das mais importantes obras tântricas. O próprio autor considera que a sua obra são apenas comentários, mas em realidade trata-se de uma obra original. Segundo o seu discípulo Kschemarâja essa obra aproxima-se da literatura inspirada, pois Abhinava Gupta a escreveu em estado de meditação.

Aliás, esse autor é considerado como um dos mais importantes, quando tratamos da literatura tântrica; ele nasceu em meados do século X d. C. Foi autor de uma enorme quantidade de textos> Depois do Tantra-Âloka, os mais notáveis são o Tantra-Sâra e o Parâ-Trimshikâ-Vivarana. O autor citado também era conhecido por possuir poderes espirituais, *sidhis*, e por ter realizado o Si Mesmo. Ele começou a estudar o tantrismo através do seu mestre espiritual Shambhu Nâtha, a princípio, dedicando-se aos ensinamentos da escola Kaula e posteriormente através de outros mestres, imergiu em outros ensinamentos sobre as mais diversas temáticas. Abhinava Gupta fundou uma escola da qual o falecido Swami Lakshmanjoo foi o maior representante do séc. XX.

No Ocidente as doutrinas tântricas da Caxemira tornaram-se mais conhecidas através dos estudiosos que foram discípulos de Swami Lakshmanjoo, onde se destaca Jaideva Singh, que traduziu várias obras de suma importância.

Hodiernamente a tradição Shrî-Vidya do sul da Índia vem sendo aos poucos descoberta, como pelo estudioso Douglas Renfrew Brooks. Esse ramo da tradição do tantrismo hindu não contém apenas textos, mas também praticantes vivos que são capazes de expor seus ensinamentos esotéricos. Um dos textos mais respeitados dessa tradição, segundo Feuerstein, é o Vâmaka-Îshvara-Tantra, que já foi traduzido para o inglês.

Um dos ramos mais antigos do tantra, o Kaulismo também vem sendo bastante difundido no ocidente através dos estudos e publicações de Paul Eduardo Muller-Ortega e Mark

S. G. Dyczkowski. Os textos dessa tradição que se destacam são o Kula-Arnava-Tantra, o Kaula-Jnâna-Nirnaya atribuído a Matsyendra Nâtha e o Mahânirvâna-Tantra.

Graças às inúmeras obras sobre o tantrismo, podemos verificar a prática de muitas gerações de adeptos e a versatilidade dessa tradição. Percebemos que embora os esforços empregados na pesquisa sobre esse assunto, ainda estamos no início da compreensão dessa tradição tão ramificada, diversa e complexa. No tocante as práticas, endossamos com Feuerstein o pensamento do estudioso budista Herbert V. Guenthaer, de que “os Tantras dizem ter de ser vivido para ser compreendido”. Compreendemos assim, a importância dessas pesquisas que estão sendo levadas a cabo também na atualidade, para investigar não apenas *ipsis litteris* esses ensinamentos, mas envolvendo os benefícios bio-psico-emocionais nos indivíduos.

O Corpo Sutil

Tanta pelo Tantra como pelas escolas vedânticas e por outras tradições não-dualistas, é aceita a doutrina dos *Kosha*, os cinco invólucros. Tanto na Índia como na tradição exotérica e de outras religiões do Ocidente é aceita a teoria que existe um correspondente sutil para o corpo físico. Esse corpo astral “não é feito de matéria grosseira, mas de uma substância mais refinada, uma energia. A anatomia e a fisiologia dessa imagem suprafísica do corpo físico, o chamado corpo astral ou corpo sutil, tornaram-se os objetos de uma investigação intensa por parte dos yogues, especialmente nas tradições do Hatha-Yoga e do Tantra em geral (Fouerstein, 2007, p. 427). Na literatura tântrica fala-se de canais energéticos, *nâdis*, e vórtices de energia, *cakras*, que compõem esse corpo sutil.

Mas os cakras e nâdis são muitos mais sujeitos a variações do que o coração, os pulmões ou o fígado do corpo físico. Às vezes são mais ativos, às vezes menos, às vezes mais definidos, às vezes menos. Essas diferenças refletem o estado psicoespiritual da pessoa. Isso explica, ao menos em parte, por que as enumerações e descrições têm a finalidade de ser modelos para o yogin. Podemos encará-las como imagens idealizadas de estruturas que de fato existem no corpo sutil, imagens essas que servem para orientar a visualização e a contemplação do yogin. Assim, a imagem do cakras como flores de lótus em cujas pétalas estão inscritas as letras do alfabeto sânscrito é evidentemente uma idealização baseada na percepção real. Os cakras ativados são como indica a própria palavra sânscrita, rodas de energia cujos raios assemelham-se

a pétalas de lótus e podem ser representados como tais. (FOUERSTEIN, 2007, 428).

CONCLUSÃO

Verificamos, em nossa pesquisa, a mudança de pensamento na Índia através do tempo em relação à libertação e ascensão do *atma*, alma. A construção do corpo sutil se dá através de várias práticas - não de renúncia, mas sim de cuidado do corpo, como as práticas do yoga e suas vertentes. Cremos que o nosso trabalho irá proporcionar um incentivo para que mais estudantes e pesquisadores da academia realizem estudos aprofundados sobre o tema. O presente trabalho terá desdobramentos no futuro.

REFERÊNCIAS

- ALBANESE, Marília. **Índia Antiga**. Barcelona: Folio, 2006.
- BARDI, Amilcare. **Alta Idade Média**. Barcelona: Folio, 2007.
- CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus: Mitologia Oriental**. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- _____ **Mitos de Luz: Metáforas Orientais do Eterno**. São Paulo, Palas Athena, 2013.
- COUTINHO, Maria Tereza da Cunha, **Os Caminhos da Pesquisa em Ciências Humanas**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- ELIADE, Mircea. **Yoga, Imortalidade e Liberdade**. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- _____ **História das Crenças e das Ideias Religiosas**, Vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FOUERSTEIN, Georg, **A Tradição do Yoga**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- MARTINS, Roberto de A. **Uma luz sobre o Hatha-Yoga**. São Paulo: Shri Yoga Devi, 2014.
- ZIMMER, Heinrich. **Filosofias da Índia**, São Paulo: Palas Athena, 2008.